

## ***Lisboa- O papel da Diversidade Cultural para a criação de comunidades sustentáveis***

Pedro Pereira Leite<sup>1</sup>

### **Resumo**

Esta comunicação visa explorar o uso da educação patrimonial global para a criação de comunidades sustentáveis na cidade de Lisboa. A partir das experiências de Educação Global realizadas nos programas de doutorado em Museologia da Universidade Lusófona e no Museu Afro-Digital - Estação Portugal, propomos visões plurais sobre a cidade multicultural. Identificamos património cultural diversificado e suas diferentes formas de organização comunitária. A partir da reificação dos sentidos do presente sobre o património, propomos aos participantes, no contexto do programa de doutorado, que se envolvam e analisem os processos patrimoniais a partir da participação das comunidades. Buscamos refletir como a educação global é uma ferramenta para organizar ações que contribuem para a criação de comunidades sustentáveis.

Compreender a natureza mutável das relações comunitárias em contexto, seja através de sua história ou através da recomposição contínua da formação social através da vida econômica, social e ambiental, é uma ferramenta importante para aumentar a qualidade de vida das comunidades. Cidadãos capazes de refletir mais profundamente sobre as transformações no território, sobre seus próprios valores e formas de pensar, são cidadãos mais capazes de responder de maneira eficiente aos processos de transformação em curso nas cidades e suas comunidades, a criar resiliência e capacitar as comunidades para desenvolver processos de comunicação que aumentem a inclusão social e a dignidade humana.

Ao longo deste projeto, nos últimos três anos, chegamos a verificar que emergem em diferentes pontos da cidade cosmopolita, usos alternativos das heranças que ocorrem foram as estruturas museológicas tradicionais. Nesta comunicação, apresentamos três casos de educação global: o trabalho da Universidade Lusófona no Bairro da Mouraria, o caso do Moinho da Juventude em Cova na Moura e o caso de intervenção patrimonial nos bairros da cidade a oriente, uma área urbana marginalizada pelos equipamentos culturais e em relevante pressão de transformação urbana. Nele, procuramos responder a perguntas sobre como a comunidade de profissionais do património de pode mobilizar para promover ações patrimoniais mais densas que produzem aprendizagens sobre o património das comunidades nos seus territórios. Ao mesmo tempo procuram promover aprendizagens sobre o reconhecimento dos patrimónios e comunidades, sobre o uso de ferramentas para envolver e aumentar a participação no desenvolvimento de comunidades sustentáveis e resilientes.

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada no Seminário Museu de Cidade, em 2018 CAMOC Frankfurt. Texto Original em Inglês, publicado nas Ata do Encontro do CAMOC- ICOM Frankfurt- 2018 ([http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/camoc/FRANKFURT\\_CONFERENCE - BOOK OF PROCEEDINGS Final LR 2 01.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/camoc/FRANKFURT_CONFERENCE - BOOK OF PROCEEDINGS Final LR 2 01.pdf)) "Lisbon: The Role of Cultural Diversity for Sustainable Communities"

## O poder criativo dos museus das cidades

Qual é o poder criativo da museologia para contribuir para a criatividade nas nossas cidades e de que formas novos processos museológicos urbanos se estão a reconfigurar a a alterar a ideia tradicional de museus, é a questão fundamental deste artigo. Analisaremos vários casos que estão a acontecer na cidade de Lisboa e a partir dessas análises procuraremos trabalhar a resposta dos processos museológicos da criação de comunidades urbana sustentável e o papel das políticas culturais para a diversidade nas cidades

Qual o papel que os museus de cidade tem nas cidades contemporâneas é um interessante desafio para a atual museologia, numa altura em que se discute o conceito de museus. Como salientou o arquiteto argentino George Enrique Hardoy, que em 1971 participa na mesa Redonda de Santiago do Chile sobre a relevância dos museus na sociedade contemporânea, os museus de cidade, apesar do intenso desenvolvimento urbano na segunda metade do século XX, ficaram ancorados às tradições do século XIX.

A afirmação será verdadeira nos dias de hoje. Os museus de cidade ainda são mundos assépticos, sossegados, que contam uma única história sobre o território, sem tensões e sem conflitos, que ignora uma boa parte dos fluxos demográficos do próximo presente. São ainda representações nostálgicas dum passado mítico, com uma monovisão redutora da realidade. Pergunta-se então onde está no museu a questão da habitação, dos transportes, do trabalho, da poluição ambiental, da exiguidade dos espaços verdes, da soberania alimentar, da segurança urbana. Onde estão enunciados esses problemas, para que a partir deles se possam mediar a relação educacional com os seus públicos.

Os museus e as cidades é uma reflexão interessante para pensar o que é o museus e que realidade mostra. Que narrativa é feita. Dos poetas, dos historiadores, dos antepassados, dos heróis fundadores, dos arquitetos e tecnocratas?

Em 2015 a Recomendação da UNESCO sobre museus e sua Função social vem clarificar algumas questões, nomeadamente a necessidade dos museus trabalharem com e para as suas comunidades, através de processos participativos.

Para quem se posiciona no campo da museologia social, impõe-se a necessidade de desenvolver na cidade uma museologia decolonial. Uma museologia que dê voz às comunidades silenciadas, aos migrantes, aos afrodescendentes, às mulheres e povos indígenas e subalternidades, às minorias aos ciganos e outros grupos que têm sido silenciados nos museus de cidade.



*Figura 1 Mapa de Equipamentos culturais da Cidade de Lisboa. É visível a concentração no centro urbano e o vazio de equipamentos a Oriente, onde se concentram os Bairros Sociais*

Ao olharmos para o mapa cultural de Lisboa, ao procurarmos a distribuição dos seus equipamentos culturais no espaço podemos verificar que eles se concentram sobretudo no centro histórica da cidade. Consideramos aqui equipamento cultural, nas suas diversas formas, os museus, arquivos, bibliotecas, centros culturais, galerias de arte, teatros e espaços de concertos. A distribuição dos equipamentos culturais resulta numa visão dos poderes públicos sobre a sociedade e sobre a forma de nela trabalhar.

Embora o Museu de Lisboa tenha vindo nos últimos anos a melhorar substancialmente a sua ligação com as comunidades e com as dinâmicas urbanas, na verdade os museus são hoje equipamentos ausentes dos bairros mais povoados da cidade. Raramente a requalificação urbana dos bairros inclui o desenvolvimento de dinâmicas culturais, com exceção de alguns trabalhos nas bibliotecas. Desse ponto de vista a atividade das bibliotecas públicas tem acompanhado o desenvolvimento da cidade de forma mais assertiva do que os processos museológicos. A educação patrimonial e os processos de promoção da cidadania poderão continuar ausentes das comunidades urbanas de Lisboa?

### **A experiência do laboratório urbano de museologia na Mouraria**

A situação dos museus de Lisboa e da sua política cultural tem estado demasiado dependente dos critérios de planeamento urbano, onde as diferentes redes de equipamentos são criadas em função de dinâmicas demográficas e critérios de gestão do território. Como os equipamentos museológicos não obedecem a lógicas de quantificação tecnocrática, a sua criação fica demasiado dependente das funções simbólicas e de legitimação dos poderes hegemónicas, como a atual polémica sobre a criação dum museu dos descobrimentos em Lisboa demonstra<sup>2</sup>.

No entanto, se olharmos para a cidade, a partir dum política cultura para a diversidade, os critérios da vida cultural nas cidades serão mapeados, com outros critérios alternativos. Esses critérios passam pelo mapeamento dos pontos quentes, dos pontos onde há vida cultural e aproveitar esses espaços e comunidades para desenvolver processos de afirmação de memórias sociais e criação de inovação social. As políticas culturais para a diversidade são pensadas a partir dos interesses dos cidadãos, são desenvolvidas para os cidadãos e com a participação dos cidadãos.

Este trabalho de trabalhar com as forças vivas da cidade, permitiu desenvolver na Universidade Lusófona, no âmbito da formação avançada (pós-graduada) em museologia um programa de investigação com base numa zona em transição na cidade: o bairro da Mouraria. Este trabalho tem vindo a ser desenvolvido com a parceria do Museu AfroDigital Portugal e a partir deste de 2018, inclui as atividades da Cátedra da UNESCO Educação, Cidadania e Diversidade Cultural.

Trata-se dum bairro central de Lisboa, que ao longo dos vários anos do século XX se foi degradando do ponto de vista urbano, acolhendo populações desfavorecidas. Essa situação

---

<sup>2</sup> Em 2016 o município da cidade apresentou uma proposta de criação dum museu dos descobrimentos numa zona central da cidade. Ao avançar-se para a concretização física da proposta, várias vezes têm vindo a levantar, questionando a ideia geradora, a ausência de visões das comunidades subalternizadas, a sua localização central, etc.

criou um tecido social com uma forte diversidade cultural. Nos últimos 12 anos a administração municipal tem vindo a promover várias operações de requalificação urbana. Nos dias de hoje, a conjugação das operações de requalificação com as intensas dinâmicas turísticas na cidade, estão a produzir intensa dinâmica de transformação social.

No entanto, tal como acima já referimos, estas operações não criaram novos equipamentos culturais. Apesar disso, por via de algumas propostas de free-lancers, algumas atividades sobre a memória social do bairro, visível através de novos processos expositivos no espaço urbano. Devido à uma forte dinâmica de transformação deste espaço e à ausência de trabalho de educação patrimonial sistemática neste espaço, o entendimento da extensão da mudança deste bairro é complexa e contraditória, com fortes sinais de perda das memórias coletivas e a sobreposição de novos recessos identitários dos novos habitantes.



*Figura 2 Laboratório Poética do Espaço. Lisboa, Maio 2019 com programa de curso de verão da Academia Reinwart*

O trabalho que tem vindo a ser desenvolvido com os alunos de museologia da Universidade Lusófona explora a metodologia “poética do espaço”. Trata-se dum processo metodológico para criação de processos patrimoniais desenvolvido na Universidade Lusófona. Parte do mapeamento do espaço e do tempo deste território e das suas comunidades, procurando olhar para a forma com é vivido e percebido nas suas diferentes formas e experiência identitárias. Pretende-se que os participantes na atividade de formação se confrontem consigo mesmos, com as suas memórias e com as memórias dos outros no contexto. O objetivo deste “encontro” é criar questionamentos. Os questionamentos constituem, neste processo a matéria-prima da criação dos processos museológicos de extroversão. Procura-se que os processos museológicos se fundamentam em processo de diálogo com as comunidades, criem conexões e construam pontes para o entendimento das diferenças. Todas as fases do processo são abordadas a partir da perspectiva da educação patrimonial, discutidas e forma participada com os estudantes e associações locais. No final realiza-se um exercício de devolução de resultados às comunidades através dum processo comunicativo (expografia).

### **Outras experiências na Cidade**

Independentemente desta experiência que temos vindo a concretizar ao longo dos últimos 3 anos, temos vindo a fazer uma análise de outros processos que estão acontecer na cidade, que permitem a criação de narrativas sobre a memória e património da cidade, que não assumem a forma tradicional do “edifício-museu”. São elas Moinho da Juventude - Associação Cultural, Laredo - Associação Cultural, a Galeria de Arte Urbana – Loures, e a Rodas de Sementes – Lisboa. Devemos dizer que o conceito de cidade é aqui usado numa forma alargada, não se confinando aos territórios municipais.

**A Associação Laredo mediação cultural** é uma associação cultural criada por Miguel Horta que tem vindo a promover a leitura a literacia em diferentes ambientes, sejam eles associativos ou prisionais, em bibliotecas, museus. Tem como particularidade desenvolver atividades com

comunidades com necessidades educativas especiais e em temas ambientais, sobretudo sobre o mar. Reflete o autor/ator e sobre as suas atividades: “Sempre gostei de intervir nas texturas urbanas, trabalhando com as pessoas através de desafios que as fizessem reunir, pensar, mudar e agir. A Arte e a Poesia conseguem tudo isto ao promover uma cidadania plena nas cidades. Quando a educação artística sai às ruas os seus efeitos são muito gratificantes. Gosto que me proponham desafios que envolvam pessoas, as histórias das suas vidas e do local que habitam” Miguel horta é hoje uma figura de referência nos encontros sobre oralidade e contos tradicionais.

A arte do conto não serve apenas para adormecer as crianças. Nesta abordagem a oratura serve sobretudo para educar adultos. Todos os contos têm uma determinada estrutura. Têm uma introdução onde apresentam um conflito e têm um desenlace. É necessário ao narrador, saber o que é o conto, porque se conta, e como é contado (narrado). O conto, quando está escrito, é independente do narrador, mas é o narrador que tem que procurar a transcendência do conto através da sua narração.

Entregar-se ao conto, entregar-se à narração é não só a aplicação duma técnica (onde a técnica de representação ajuda), mas também a consciência do que se procura transmitir nesse conto. O narrador necessita de saber porque escolhe esse conto, ou por que razão o conto escolheu essa forma narrativa, através desse narrador. Trata-se dum processo que vive, que se manifesta duma determinada forma através dum narrador. O narrador também não é apenas um agente de transmissão (comunicação) inocente. É um agente, ou ator ativo, envolvido no processo, que acrescenta uma experiência pessoal e que dialoga com a estrutura do conto e trabalha uma dimensão emotiva da memória.

***Moinho da Juventude -associação cultural***, na Amadora cidade periférica de Lisboa tem vindo a trabalhar há mais de 30 anos a leitura e a educação na comunidade com apoio de trabalho comunitário. Iniciou o seu trabalho com Eduardo Pontes e seus vizinhos, residentes na área e preocupados com situação social do bairro. Eduardo Pontes, antigo preso político durante a ditadura fascista em Portugal tinha tido uma experiência de luta anticolonial. Após a libertação criou no Bairro da Cova um projeto de intervenção comunitária, voltado para a educação da comunidade. Criou uma biblioteca e desenvolve várias atividades de literacia. O Moinho da Juventude tornou-se um projeto sólido de intervenção comunitária e procura trabalhar a memória coletiva de forma a melhorar a integração do bairro na cidade. O projeto tem conhecido várias dificuldades criadas por conflitos com a dificuldade de reconhecer as potencialidades e as especificidades do bairro face a um diálogo tenso com as ideias hegemónicas sobre a cidade. O trabalho desenvolvido tem vindo a trabalhar a memória do bairro em diferentes dimensões e agora procura-se valorizar a comunidade introduzindo a dimensão patrimonial.



*Figura 3 Trabalho Patrimonial na Galeria do Museu Educação e Diversidade. As narrativas orais. Dialogos entre Português e Crioulo.*

**A Quinta do Mocho, Loures**, é um Bairro periférico de Lisboa, que surge no final dos anos sessenta, numa quinta denominada, Quinta do Mocho, em Sacavém, Lisboa numa urbanização de custos económicos. A partir de abril de 1974, na sequência da Revolução Democrática em Portugal e da emergência do Direito à Habitação, a urbanização, ainda inacabada, é ocupada por comunidades africanas que chegam a Lisboa. A Quinta e as suas casas inacabadas criaram uma área de grande insalubridade e as suas populações, marginais nas sociedades, eram hostilizadas pelas populações locais.

No final dos anos 90, o programa de regeneração urbana na zona Oriental de Lisboa e os programas de infraestruturas a ele associadas com a exposição Universal realizada em 1998 em Lisboa, obrigou ao realojamento do bairro na sua atual localização, através da construção de casas de habitação precária. O bairro manteve a sua denominação original.

O realojamento da comunidade foi acompanhado pelos serviços da municipalidade tendo sido construído um Centro Cultural, onde, para além das funções culturais, se instalaram funções de assistência social. Em 2013 é criado um programa de intervenção e requalificação do espaço público, desenhado para permitir a aproximação da autarquia local às pessoas. Foram na altura realizadas várias assembleias comunitárias, e nelas emergiu a ideia de contar história do mocho. A história do bairro através da pintura e da abertura do bairro à comunidade envolvente. O mau nome continuava a estigmatizar os habitantes do bairro. O programa da autarquia, “o bairro e o mundo”, apoiado no trabalho voluntário dos habitantes locais foi desenvolvendo diversas atividades no bairro e expandiu-se para outras áreas de Loures, onde hoje é dinamizado o “Festival Loures Arte Pública”. Atualmente todos os anos o festival possibilita a continuidade da interação da comunidade com a cidade, constituindo a galeria de arte urbana um espaço de interação com a cidade.

A Galeria de arte urbana da quinta do Mocho é dinamizada pela Câmara Municipal de Loures através do convite efetuado a artistas urbanos, que efetuam o trabalho de forma voluntária, sendo que a CML fornece os materiais e suporta as estadias. Até 2017 foram pintadas 342 obras nas fachadas dos edifícios e em lugares públicos de todo o concelho.

Finalmente **A rede Círculo de Sementes** é um projeto de Frederica Teixeira e Pepa Bernardes iniciado em Outubro de 2012 na sequência de um apelo internacional da Vandana Shiva apelando à Libertação das Sementes. Na sequência as autoras organizaram um Workshop de Sementes mas concluíram que era uma ação que não era suficiente e decidiram prosseguir criando um projeto de atividade desenvolvendo oficinas de recolha de sementes.

Um Círculo de Sementes e uma reunião de um grupo de Amigos, em que cada um se inscreve para multiplicar e guardar Sementes de uma ou mais Culturas. Cada elemento escolhe uma cultura, semeia, cuida, colhe, limpa, seca e armazena as Sementes. Nos encontros todos partilham as suas Sementes e a informação que tem sobre as plantas que escolheram.

A rede tem como objetivo criar Círculos de Sementes por todo o País, redescobrimo, recolhendo e partilhando variedades antigas e tradicionais do património natural que são as sementes. Ao mesmo tempo realizam ações de sensibilização e partilha de conhecimentos sobre sementes e soberania alimentar. Dentro desta Rede todas as Sementes são Partilhadas e nenhuma semente poderá ser Vendida e no são permitidas Sementes geneticamente modificadas.

Para iniciar um Círculo são necessária pelo menos uma pessoa, como máximo sugerimos não mais de 12 pessoas para manter o foco, o apoio e compromisso. Os participantes de cada círculo deverão saber como colher, limpar e armazenar as suas Sementes Deverá ser dada prioridade a Sementes Tradicionais e Rústicas, mas se alguém desejar poderá se inscrever com Culturas que não sejam Tradicionais na sua Zona (por exemplo Stevia)

Os Encontros são momentos de partilha dinamizados por cada Círculo. Podem ser encontros acompanhados de visitas, ajudadas, partilha de sementes, partilha de saberes, celebração, recolha de sementes, entre outros. Cada Círculo deverá criar o seu Banco de Sementes, de forma a criar um banco local de sementes. O banco local tem como objetivo manter o maior número "possível" de diversidade de sementes de uma forma descentralizada e no local, ser recurso para partilhas entre Círculos, para ajudar a iniciar novos círculos.

### **Conclusão**

Procurando sistematizar as ideia que temos vindo a desenvolver. Partimos duma ideia central de que há novos processos patrimoniais nas nossas cidades que desafiam os museus de cidade a incorporar políticas culturais para a cidadania e diversidade cultural. Contrapondo aos tradicionais processos de planeamento públicos centralizados que herdamos das políticas da UNESCO dos anos 60, e à lógica da externalização dos serviços que as lógicas liberais e de gentrificação impuseram no final do milénio aos equipamentos culturais, defendemos que os poderes públicos da cultura devem estar mais atentos às dinâmicas sociais urbanas.

Paralelamente aos processos de criação de redes de equipamentos culturais multifuncionais, é necessário desenvolver políticas públicas para a cidadania e diversidade cultural a partir dos movimentos sociais e de cidadania. Na nossa argumentação defendemos que os processos patrimoniais se constituem como lugares de prática de cidadania e diversidade cultural, contribuindo para comunidades sustentáveis.

Nos vários processo observados verificamos que estão a ocorrer transformações e inovações que se refletem no trabalho patrimonial em espaços urbanos de transição. Hoje é necessário observar os processos patrimoniais com outras lentes e outros instrumentos de forma a ser possível identificar estes lugares de potência.

Os trabalhos que temos vindo a fazer, a partir de 2017 que passaram pela identificação e análise dos valores culturais das comunidades e proposta da sua incorporação em processos de valorização do património cultural, reforçam a busca do entendimento do papel das comunidades nas dinâmicas transformadoras da sociedade, com o objetivo de favorecer as expressões da diversidade cultural e como processo de partilha de práticas sobre diferentes tipos de património, como forma de liberdade e de construção da justiça cognitiva.

Consideramos que o campo da museologia social em Portugal de deve preparar para se envolver e dar apoio a grupos e comunidades que procuram afirmar as suas memórias, ancoradas no desenvolvimento da educação patrimonial.

Estes instrumentos devem partir da elaboração de cartas do património participadas, ações de sensibilização pública, a mobilização de recursos para intervenção patrimonial, o desenvolvimento de formação e treino em metodologia de história oral, na criação de arquivos

digitais, no uso dos média digitais e o desenvolvimento de apps sobre património, no desenvolvimento das metodologias de trabalhos com grupos, nos procedimentos de envolvimento das comunidades locais, nos trabalho com escolas para promoção de oficinas de museologia social.

No trabalho torna-se necessário documentar a história e património da comunidade através do uso de técnicas de imagem e som, no desenvolvimento de exposições participadas, que permita a aplicação de metodologias participativas e o empoderamento de comunidades e na participação de redes de memória que permita ampliar o alcance das ações e promover uma comunicação participativa entre os membros das várias redes.

### **Bibliografia**

- Benjamim, Walter (2011) A origem do Drama Barroco Alemão. AnneBlumen.
- Benjamim, Walter (2009). Passagens, Minas Gerais, UFMG,
- Cassano, Franco e Leite, Pedro Pereira (2017). Epistemologias Meridionais: Museologia, Urbanismo e Direitos Humanos, Informal Museology Studies, nº18,
- Leite, Pedro Pereira (2017). Museologia Social e Dignidade Humana, Lisboa, Marca D'água
- Leite, Pedro Pereira (2018). Museologia Social e Paisagens, Informal Museology Studies, nº 19
- Leite, Pedro Pereira (2018). "Sobre Políticas Culturais Públicas" in Global Heritage – Local Memories Research Book, April (<https://globalherit.hypotheses.org/date/2018/04>)
- ONU, (2015) Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, UN,
- Ricœur, P. (2000). La mémoire, l'histoire, l'oublie, Paris Editions du Seuil.
- Santos, Boaventura de Sousa (2000). A crítica da Razão Indolente, Porto Afrontamento
- Stephen R. Sterling (2001). Sustainable Education: Re-visioning Learning and Change, Green Books for the Schumacher Society.
- Turino, Célio (2010). Ponto de Cultura: O Brasil de Baixo para Cima, São Paulo, Anita Garibaldi.
- Valleriani, António (2012). Ermeneutica dell'educazione. Studi in onore di Antonio Valleriani
- Yúdice, George (2006) A conveniência da cultura: usos da cultura na era global, Belo Horizonte: Editora UFMG